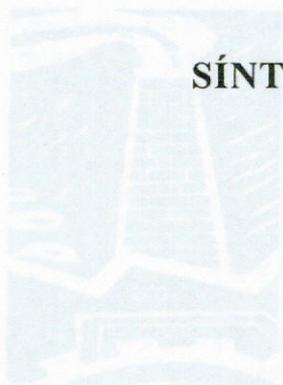


1. Primitivos habitantes; 2. Processo de povoamento e formação do Antigo Chapecó; 3. Mudança de limites.



SÍNTESE HISTÓRICA DA REGIÃO OESTE*

A Região Oeste de Santa Catarina, que constitui o universo sobre o qual atua o "Centro de Organização da Cultura" e que hoje tem seu principal pólo de desenvolvimento em Chapecó, passou a ser conhecida dos colonizadores europeus e seus descendentes a partir de 1641, ano em que por aqui passou o primeiro grupo de bandeirantes paulistas a caminho do Rio Grande do Sul.

Santo Rossetto

As pesquisas arqueológicas demonstraram, porém, que milênios de anos antes de Cristo, já existiam grupos humanos na região.

"Os primeiros grupos humanos a penetrarem em território de Santa Catarina foram grupos caçadores e coletadores, que teriam atingido a região através do Rio Uruguai por volta de 5.500 a.C."

"Posteriormente, o Litoral, em face dos amplos recursos alimentares de que dispunha, teria servido como pólo de atração, abrigando populações diversificadas e por um longo período de tempo. O povoamento do litoral, iniciou-se praticamente até a chegada dos grupos europeus. Os grupos humanos pescadores e coletadores, preceramistas foram substituídos por grupos ceramistas talvez agricultores por volta de 1.000 a.C." (BACK apud SANTOS, 1973, p.28).

Recente pesquisa sobre os sítios arqueológicos da Bacia do Uruguai (UFSC, 1983) levanta dados que confirmam a citação acima.

Contudo, a população nativa que teve uma presença maior, marcante e significativa na área, hoje tida como Meio e Extremo Oeste de Santa Catarina, é o povo Guaraní.

*Artigo publicado nos Cadernos do CEOM, v.1, n.1 (1986) e reeditado no v. 4, (1989)

SÍNTESE HISTÓRICA DA REGIÃO OESTE*

Santo Rossetto

Santo Rossetto, idealizador do CEOM. Atual Pró-reitor Geral de Ensino da UNOESC.

1. Primitivos habitantes; 2. Processo de povoamento e formação do Antigo Chapecó; 3. Mudança de limites.



1. Primitivos Habitantes

A Região Oeste de Santa Catarina, que constitui o universo sobre o qual atua o “Centro de Organização da Memória Sócio-Cultural” e que hoje tem seu principal pólo de desenvolvimento em Chapecó, passou a ser conhecida dos colonizadores europeus e seus descendentes a partir de 1641, ano em que por aqui passou o primeiro grupo de bandeirantes paulistas a caminho do Rio Grande do Sul.

As pesquisas arqueológicas demonstraram, porém, que milênios de anos antes de Cristo, já existiam grupos humanos na região:

“Os primeiros grupos humanos a penetrarem em território de Santa Catarina foram grupos caçadores e coletadores, que teriam atingido a região através do Rio Uruguai por volta de 5.500 a.C.”

“Posteriormente, o Litoral, em face dos amplos recursos alimentares de que dispunha, teria servido como pólo de atração, abrigando populações diversificadas e por um longo período de tempo. O povoamento do litoral, iniciou-se praticamente até a chegada dos grupos europeus. Os grupos humanos pescadores e coletadores, pré-ceramistas foram substituídos por grupos ceramistas talvez agricultores por volta de 1.000 a.C.” (BACK apud SANTOS, 1973, p.28).”

Recente pesquisa sobre os sítios arqueológicos da Bacia do Uruguai (UFSC, 1983) levanta dados que confirmam a citação acima.

Contudo, a população nativa que teve uma presença maior, marcante e significativa na área, hoje tida como Meio e Extremo Oeste de Santa Catarina, foi a dos índios Kaingangs. A grande ausência de dados dificulta, entretanto, um quadro antropológico e demográfico mais preciso

dessa população indígena (Santos, 1973). A falta de maior dimensionamento do estoque populacional indígena que ocupou o Oeste de Santa Catarina, justifica-se também pela grande mobilidade espacial que caracterizava seu “modus vivendi”: “Os Kaingangos disseminavam-se pelo norte do Rio Grande do Sul, pelos Campos de Palmas, Sertões de Tibaji e Ivaí e penetravam em São Paulo” (ibidem, p. 149). O Oeste Catarinense, portanto, era apenas uma parte do imenso território que constituía o habitat dessa população nativa.

Não menos difícil é o estabelecimento de uma cronologia histórica precisa a respeito dessa população, e a dos Guaranis que, de forma esporádica, também habitaram a região (SANTOS, 1973).

A intersecção da história indígena com a dos colonizadores brancos começa no ano de 1720, quando chegou até o Rio Inhanguera, atual Rio Chapecó, o bandeirante Zacarias Dias Cortes e, mais tarde, em 1736, quando a região teria sido percorrida pelo major José de Andrade Pereira.

Posteriormente, a necessidade de pôr em execução o Tratado de Madrid, celebrado para solucionar questões de fronteiras entre Portugal e Espanha, levou à região uma comissão mista daqueles dois países, a qual, entre 1775 e 1777, passou a vasculhar a região, localizando, como divisas entre as terras em litígio, os Rio Peperi-Guaçu, o Rio Chapecó e o Rio Jangada. Este e o Rio Chapecó passaram a ser considerados os pontos de partida para o estabelecimento das divisas.

A disputa entre o Brasil e Argentina pela posse do Território foi resolvida em favor do Brasil, mediante o juízo arbitral dos Estados Unidos, em 1884. Começou, entretanto, a disputa doméstica, entre os estados de Paraná e Santa Catarina. A região, na verdade, tinha seu centro administrativo no município paranaense de Palmas, ao qual pertenciam, entre outros os distritos de Campo Erê, Chapecozinho, Xanxerê, Passo do Carneiro (atual Passo Bormann).

Por intervenção do então Presidente da República Venceslau Braz, em 1917, findou a questão dos limites entre os estados do Paraná e de Santa Catarina, sendo integrada, ao território deste, a região disputada. Em consequência, pela lei nº 1.147, de 25 de agosto de 1917, do município de Palmas foram desmembrados quatro outros: Joaçaba, Porto

União, Mafra e Chapecó.

A sede inicial do município de Chapecó foi a localidade denominada Passo Bormann. Por razões sócio-econômicas, ou políticas, dois anos depois, em 1919, sua sede foi transferida para Xanxerê, sendo que em 1923 voltou ao Passo Bormann para retornar a Xanxerê em 1929. Dois anos mais tarde, em 1931, a localidade intermediária entre Passo Bormann e Xanxerê, denominada Passo dos Índios passou a denominar-se Chapecó e abrigar definitivamente a sede do novo município.

2. Processo Histórico de Povoamento "colonizador" e Formação do Antigo Chapecó

Até por volta de 1839, a região Oeste de Santa Catarina vinha sendo ocupada por fazendeiros vindos de Guarapuava e Palmeiras que, então, pertencia, ao Estado de São Paulo. Mediante ocupação dos campos de Palmas foi aberto um "caminho de tropas" que levava ao Rio Grande através de Chapecó, passando por Guarapuava e daí seguindo para Curitiba e São Paulo. Foi, entretanto, com a delimitação final da fronteira entre Brasil e Argentina, em 1885, que a região passou a ser efetivamente explorada. O processo de povoamento vindo do norte efetuava-se mediante o estabelecimento de fazendas de criação e extração de erva-mate, como principais suportes econômicos regionais dos primeiros tempos.

A fase de colonização, propriamente dita, ocorre somente após o término da Guerra do Contestado, em 1916. Tendo eclodido sob a forma de luta armada em meados de 1912, com uma duração de 4 anos, o episódio denominado de "Guerra do Contestado", é um marco histórico de extrema importância no processo de evolução e transformação de estrutura sócio-econômica de toda essa imensa região colonial catarinense. O movimento de insurreição de "jagunços" e caboclos alastrou-se, com efeito, em terras de 5 micro-regiões homogêneas do Estado: Campos de Lages, Campos de Curitiba, Colonial do Rio do Peixe, Colonial do Oeste Catarinense e Planalto de Canoinhas.

O Oeste e Extremo-Oeste de Santa Catarina, do ponto de vista puramente geográfico-espacial, não fazem parte da precisa região que se transformou em palco e cenário das lutas sangrentas que constituíram a "Guerra do Contestado". Esta exclusão, entretanto, não pode ser admitida do ponto de vista histórico-cultural. O Oeste e o Extremo-Oeste, na verdade faziam historicamente parte de toda a região "Contestada" pelos Estados do Paraná e Santa Catarina. Além e em função disso, o Oeste e o Extremo-Oeste Catarinense só passaram a ser efetivamente ocupados por imigrantes gaúchos depois que essa guerrilha foi sufocada pelas forças regulares do governo, o que equivale a dizer que a área foi efetivamente varrida dos remanescentes caboclos que poderiam reivindicar o uso e a posse daquelas terras, como representantes ou descendentes dos primeiros ocupantes.

A colonização se processa principalmente em consequência da expansão da área colonial procedente do Rio Grande do Sul. A frente de expansão agrícola, instalada no noroeste do Rio Grande, foi intensificando seu avanço para o interior de Santa Catarina, composta, em regra, por descendentes de imigrantes, particularmente italianos. Desde o momento em que se solucionou a questão do Contestado, as grandes e promissoras potencialidades de colonização do Oeste Catarinense proporcionaram, a alguns empresários, a obtenção do governo catarinense de enormes concessões de terras, para promover esse processo de colonização, envolvendo a aquisição de títulos e direitos de herdeiros de antigos sesmeiros e fazendeiros vindos do norte, mais precisamente de São Paulo e especialmente do Paraná.

Através dessas duas frentes, mas especialmente da segunda, a colonização conquistou definitivamente a região. A população indígena foi reduzida a cerca de 4.400 pessoas que vivem hoje na reserva de Xanxerê e no Toldo Chimbangue. Os sertanejos, que através de um processo de intrusão, precederam os colonizadores imigrantes também desapareceram destruídos, diluídos ou absorvidos pelo novo sistema que se instalava caracterizado em pioneirismo colonizador, de imigrantes gaúchos que levavam para o Oeste o processo da competição pela ânsia do lucro. A preocupação passou a ser, exploração dos recursos

florestais e o cultivo do solo, agressivamente.

O Rio Uruguai, com suas cheias constantes, serviu de caminho para o escoamento de madeira para a Argentina, em forma de balsas, resultado de um desbravamento, ao mesmo tempo intensivo e extensivo, de toda a região. Em contrapartida, a cultura do milho, associada à criação de suínos, veio abrir perspectivas definitivas para a região se firmar como área fornecedora de alimentos, integrando-se, desta forma, de maneira lenta, mas progressiva, à Santa Catarina e ao Brasil.

3. Mudança dos limites do Município

A área inicial do município de Chapecó era de 14.071 km². O desbravamento desta imensa área administrativa efetuou-se com relativa rapidez, impulsionado sobretudo pela empresa colonizadora “Bertaso & Maia & Cia”, que desde 1918, ainda com seu escritório inicial em Passo Fundo, foi retalhando as enormes propriedades e impondo a atual estrutura minifundiária que caracteriza a região. Foram assim colonizados por esta empresa as fazendas: Campina do Gregório, Chapecó, Rodeio Bonito, Campina do Butiá e Saudades.

Neste processo de colonização, Chapecó e seus distritos foram tomando forma de cidade e povoado. Na sede do município, estabeleceram-se os primeiros hotéis ou “casas de pasto” como eram denominadas, as primeiras bodegas, as primeiras lojas, fazendo, do comércio intermediário, da compra de produtos agrícolas e venda de manufaturados, a primeira e principal característica de sua atividade econômica.

O ramo da indústria teve seu início no setor de extração e beneficiamento de madeira de pinho e de lei com a implantação da primeira serraria “Engenho da Serra”. Coube ainda à Empresa Colonizadora e Industrial Ernesto Bertaso S/A, promover a instalação de diversas indústrias cerâmicas, moinho de trigo, frigorífico, energia elétrica, etc. que imprimiram os primeiros passos ao processo de industrialização de Chapecó.

Das áreas colonizadas por esta firma surgiram os municípios de Xaxim, Coronel Freitas, São Lourenço do Oeste e Campo Erê. Até recentemente eram 36 municípios surgidos como consequência do desmembramento do antigo Chapecó. Além dos já citados, pertenciam à área original de Chapecó os municípios de Palmitos, Maravilha, Mondai, São Miguel do Oeste, Dionísio Cerqueira, Itapiranga, São Carlos, Modelo, Pinhalzinho, Saudades, Nova Erechim, São José do Cedro, Guarujá do Sul, Palma Sola, Caxambú do Sul, Descanso, Águas de Chapecó, Galvão, São Domingos, Abelardo Luz, Faxinal dos Guedes, Vargeão, Romelândia, Guaraciaba, Anchieta, Caibi, Cunha Porã. Com os últimos desdobramentos, a área do antigo Chapecó está dividida em mais de 60 municípios que constituem as associações da AMOSC, da AMEOSC e da AMAI.

Desta forma, a área de 14.071 km², de que dispunha Chapecó, foi reduzida a menos de 1.000 km². Essa diminuição geográfica, entretanto, em nada diminuiu a importância de Chapecó, que continua representando o verdadeiro pólo e o centro administrativo de toda a região Oeste de Santa Catarina. Prova disso é o fato de ser hoje o município-sede da Secretaria dos Negócios do Oeste, destinada a descentralizar o governo do Estado em toda a região Oeste de Santa Catarina, reunindo quase todas as atribuições das demais secretarias de Estado. Criada pela lei nº 3.283, de 17 de agosto de 1963 e instalada em dezembro do mesmo ano sob o governo Celso Ramos, a Secretaria dos Negócios do Oeste representa uma iniciativa inédita no Brasil, tendo como escopo a integração do Oeste de Santa Catarina, totalmente diverso e distante do Estado, quer pelas dificuldades de comunicação e precariedade das estradas então existentes, quer pelas suas peculiares características sócio-econômicas, quer ainda pelo fato de sua economia ser mais facilmente absorvida pelos vizinhos estados do Paraná e Rio Grande do Sul.

Sob o impulso desse órgão estatal foram rapidamente sanados inúmeros fatores adversos ao desenvolvimento regional, como a carência quase total de energia elétrica, a falta de escolas, de meios de transporte, de estabelecimentos de saúde e assistência social.

Referências Bibliográficas

SANTOS, Silvio Coelho dos. **Nova História de Santa Catarina Florianópolis**, Ed. do Autor, 1974, 124p.

_____. **Índios e Brancos no Sul do Brasil: a dramática experiência dos Xokleng**. Florianópolis, Lunardeli, 1973. 313p.

GOULART, Mariland. **Projeto Arqueológico Uruguaj Síntese do levantamento e escavação de sítios arqueológicos no Município de Chapecó**. Florianópolis, UFSC, 1983.